

Populações em risco e a volta as aulas: Fim do isolamento social.

Nota Técnica 12 de 22 de julho de 2020

Destaques

Mais de 9 milhões de (4,4% da população do país) de idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, **residem em domicílio com pelo menos uma pessoa entre 3 e 17 anos (idade escolar).**

Cerca de 4 milhões (1,8% da população do país) de adultos com idade entre 18 e 59 anos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, **residem em domicílio com pelo menos uma pessoa com idade entre 3 e 17 anos (idade escolar).**

Mais de 5 milhões de idosos (60 anos e mais) **residem em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos (2,6% da população do país).**

Em um cenário otimista se 10% dessa população de adultos com fatores de risco e idosos que vivem com crianças em idade escolar necessitarem de cuidados intensivos, cerca de 900 mil pessoas poderão necessitar de UTI. Se tomarmos como referência a taxa de letalidade observada no país, isso pode representar 35 mil óbitos somente nessa população.

O Laboratório de Informação em Saúde (LIS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT), da Fiocruz, lançou o [MonitoraCovid-19](#), um sistema que integra dados sobre o novo coronavírus no Brasil e no mundo com objetivo de oferecer um retrato em tempo real da epidemia no país, por estados e por municípios.

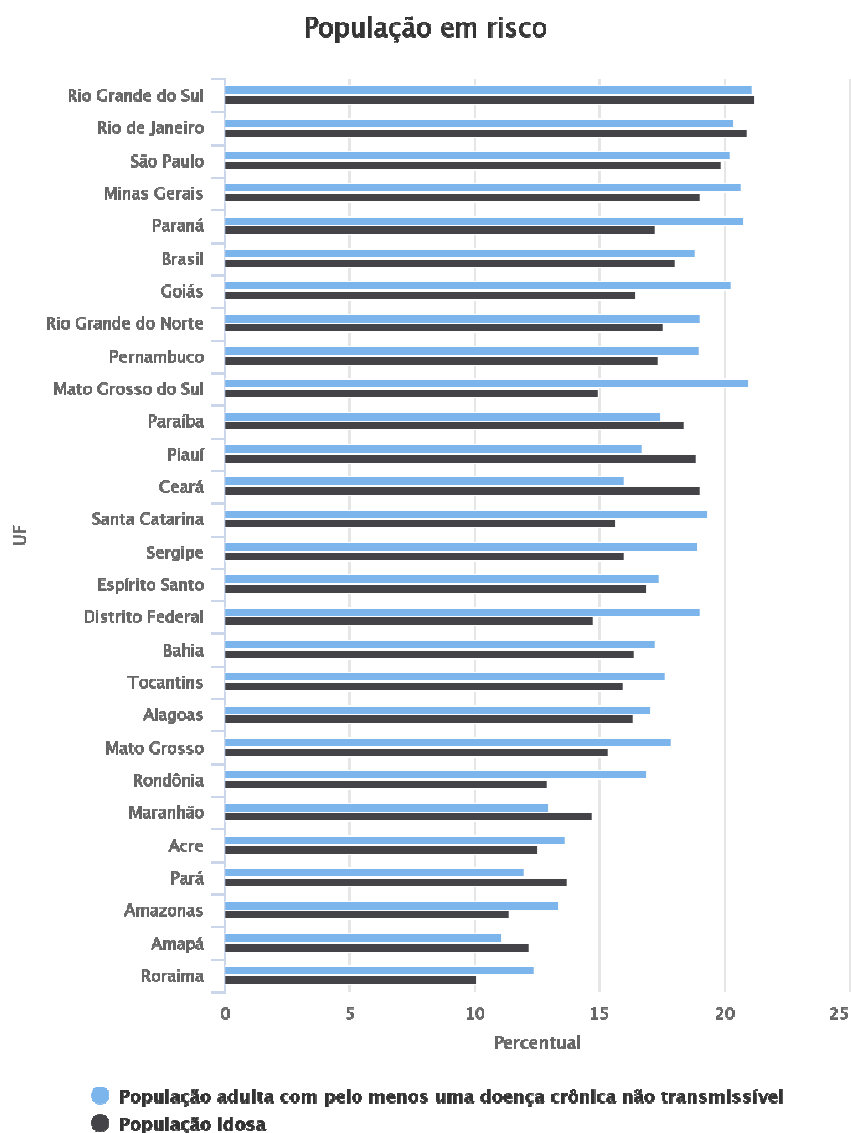
A doença acomete o território nacional de diferentes formas e em diferentes tempos, esse tema foi abordado na nota técnica “A epidemia e os tempos epidêmicos” de 19 de junho de 2020 e que está disponível no site https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/nota_tecnica_9.pdf. Esse comportamento epidêmico em tempos diferentes implica que enquanto algumas áreas enfrentam o crescimento dos casos e óbitos, em outros locais a epidemia apresenta estabilidade do comportamento da doença em um platô de casos e óbitos, e em alguns lugares com tendência de queda.

No sistema [MonitoraCovid-19](#), é possível observar que alguns locais do país já é observado a diminuição do número de casos e óbitos por COVID-19. Locais onde o processo epidêmico é mais avançado.

Em abril, a Fiocruz apontou que a partir de uma amostra analisada pela Pesquisa Nacional de Saúde (PNS 2013), ainda considerada uma referência em inquéritos de saúde, foi possível estimar para o ano de 2020 que cerca de 33% dos brasileiros adultos pode ter pelo menos uma das doenças crônicas associadas aos fatores de risco para Covid-19. Essas comorbidades são elas a hipertensão, a diabetes, as doenças cardíacas e as doenças pulmonares. Somada a esse percentual, também está a população com mais de 60 anos. Contudo, os autores da pesquisa pontuam que as doenças crônicas acometem pessoas de todas as idades, em diferentes proporções (<https://www.icict.fiocruz.br/content/covid-19-e-fatores-de-risco-conhe%3%A7a-fontes-de-informa%3%A7%C3%A3o-sobre-doen%3%A7as-cr%3%B4nicas-e-sa%3%BAde-dos>).

A PNS foi realizada em âmbito nacional, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio de metodologia de entrevistas domiciliares alcançando uma amostra de 80 mil domicílios considerando recortes de Grandes Regiões, unidades da federação, municípios das capitais e Distrito Federal.

Estas informações foram disponibilizadas pelo sistema [MonitoraCovid-19](#) e podem ser acessadas por qualquer cidadão possibilitando o download para análises e tomada de decisão. A tabela 1 mostra a distribuição da população de maior risco por UF.



MonitoraCovid-19 @ Fiocruz | ICICT | LIS | 2020-07-19

Figura 1 – População de risco (pelo menos uma doença crônica e idosos) para COVID-19

A Covid-19 acomete o território nacional de diferentes formas e tempos, esse tema foi abordado na nota técnica “A epidemia e os tempos epidêmicos” de 19 de junho de 2020 e que está disponível no site https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/nota_tecnica_9.pdf. Esse comportamento epidêmico em tempos diferentes implica em, enquanto algumas áreas enfrentam o crescimento dos casos e óbitos, em outros locais a epidemia apresenta estabilidade do comportamento da doença em um platô, e em outros lugares aparecem com tendência de queda.

Nos locais onde se observa a estabilização ou diminuição dos casos e óbitos por Covid-19, alguns governantes experimentam a adoção de medidas de relaxamento do isolamento social, com avanços e retrocessos em função do comportamento epidemiológico. Conforme avançam as medidas de retomada do cotidiano e das atividades econômicas começa-se a discutir a volta às aulas para crianças em idade escolar. Esse é um passo extremamente delicado no relaxamento do isolamento social, principalmente, quando se considera que não são apenas os alunos que serão expostos ao vírus, mas todo um seguimento social como transporte, professores, funcionários, cuidadores, entre outros.

É importante lembrar que a maior parte dos casos graves da Covid-19, que podem levar a internações ou morte, está concentrada nas faixas etárias de adultos e idosos. No entanto, as crianças e adultos jovens podem também se infectar e apresentar quadros assintomáticos, leves ou mesmo grave da doença. A diferente distribuição etária de casos e óbitos por Covid-19 é mostrada na figura 2.

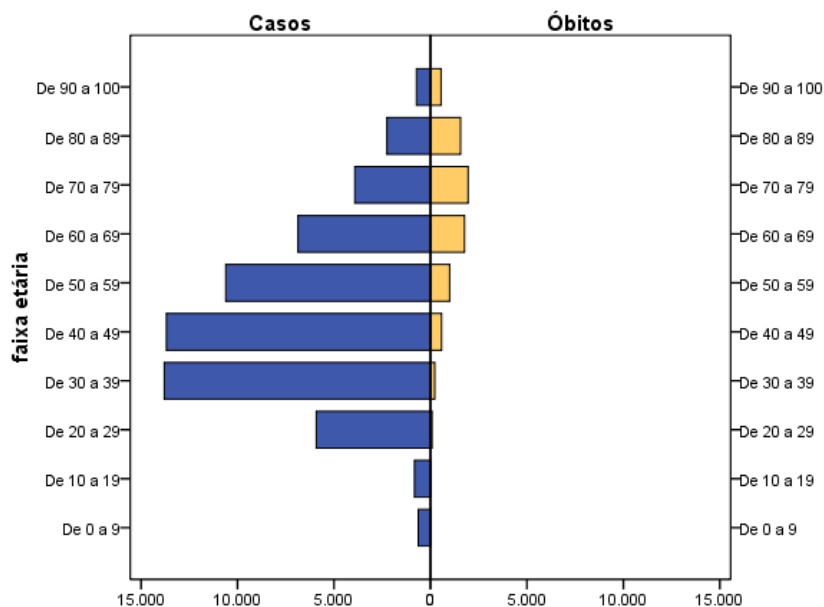


Figura 2 – Distribuição de casos e óbitos por Covid-19 por faixa etária. Dados do município do Rio de Janeiro atualizados em 20 de julho de 2020.

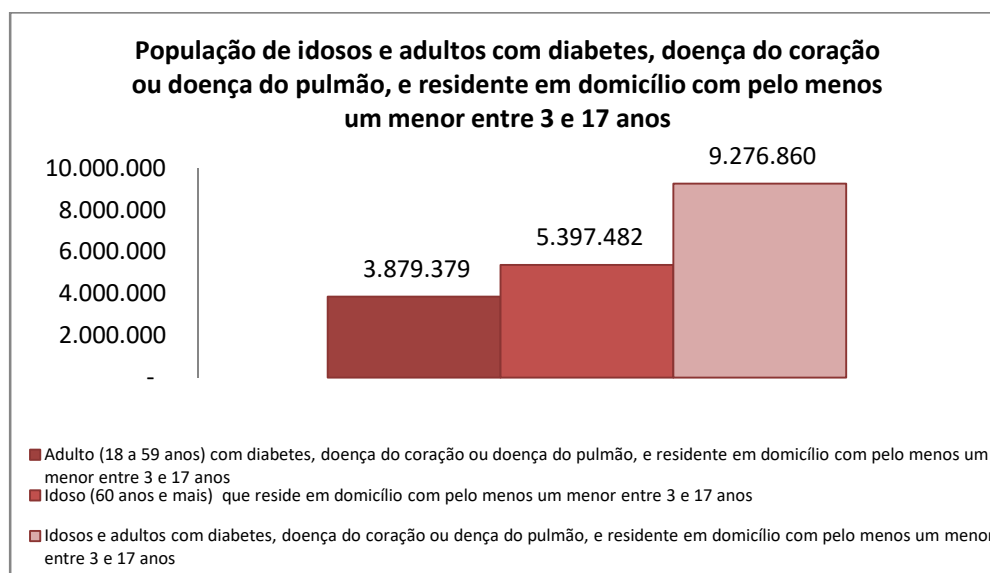
O grupo de crianças e adolescentes contribui com 2,5% dos casos de Covid-19, sendo poucos os óbitos observados. Adultos jovens (de 20 a 59 anos) foi o grupo de maior número de casos (74,3%). Por outro lado, os idosos (mais de 60 anos) correspondem a 23,3% dos casos e 75,5% dos óbitos. O aumento do contato entre estes grupos pode facilitar a transmissão do vírus e colocar sob risco grupos de maior vulnerabilidade, como portadores de doenças crônicas e idosos. A probabilidade de transmissão secundária do vírus SARS-CoV-2 no ambiente domiciliar foi estimada em 12¹ a 30%², sendo a população idosa mais suscetível a infecções.

¹Jing QL, Liu MJ, Zhang ZB, et al. Household secondary attack rate of COVID-19 and associated determinants in Guangzhou, China: a retrospective cohort study [published online ahead of print, 2020 Jun 17]. *Lancet Infect Dis.* 2020;S1473-3099(20)30471-0. doi:10.1016/S1473-3099(20)30471-0

²Wang Z, Ma W, Zheng X, Wu G, Zhang R. Household transmission of SARS-CoV-2. *J Infect.* 2020;81(1):179-182. doi:10.1016/j.jinf.2020.03.040

Não é uma tarefa fácil contabilizar a população potencialmente exposta em função da retomada do ano letivo, já que nesse caso não se trata somente de estudantes, mas também seus potenciais contatos, não só no ambiente domiciliar, mas igualmente durante o transporte. Entretanto, é possível estimar a população com fatores de risco e idosa que compartilha o domicílio com crianças em idade escolar. Esta nota técnica chama a atenção para essa população extremamente vulnerável para o acometimento de casos graves e que, com a volta às aulas, terão o risco aumentado, dado que o vírus poderá passar a estar presente em seu domicílio.

Considerando os dados da pesquisa, no Brasil, 3.879.379 (1,8% da população do país) adultos com idade entre 18 e 59 anos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, residem em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos. Considerando apenas a população idosa (60 anos e mais) que reside em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos são 5.397.482 (2,6% da população do país). Estes grupos totalizam 9.276.860 (4,4% da população do país) de idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, e residente em domicílio com pelo menos um estudante (figura 3).



Fonte: PNS-IBGE/LIS/ICICT/FIOCRUZ

Figura 3 – População de idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão e residente em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos.

A tabela 1 apresenta os dados estratificados por estados do Brasil. Os estados mais populosos do país apresentam a maior parcela de idosos e adultos com fatores de risco para ocorrência de casos graves de COVID-19. O número de idosos que vivem com crianças entre 3 e 17 anos é maior em todos os estados quando comparado aos adultos com fatores de risco.

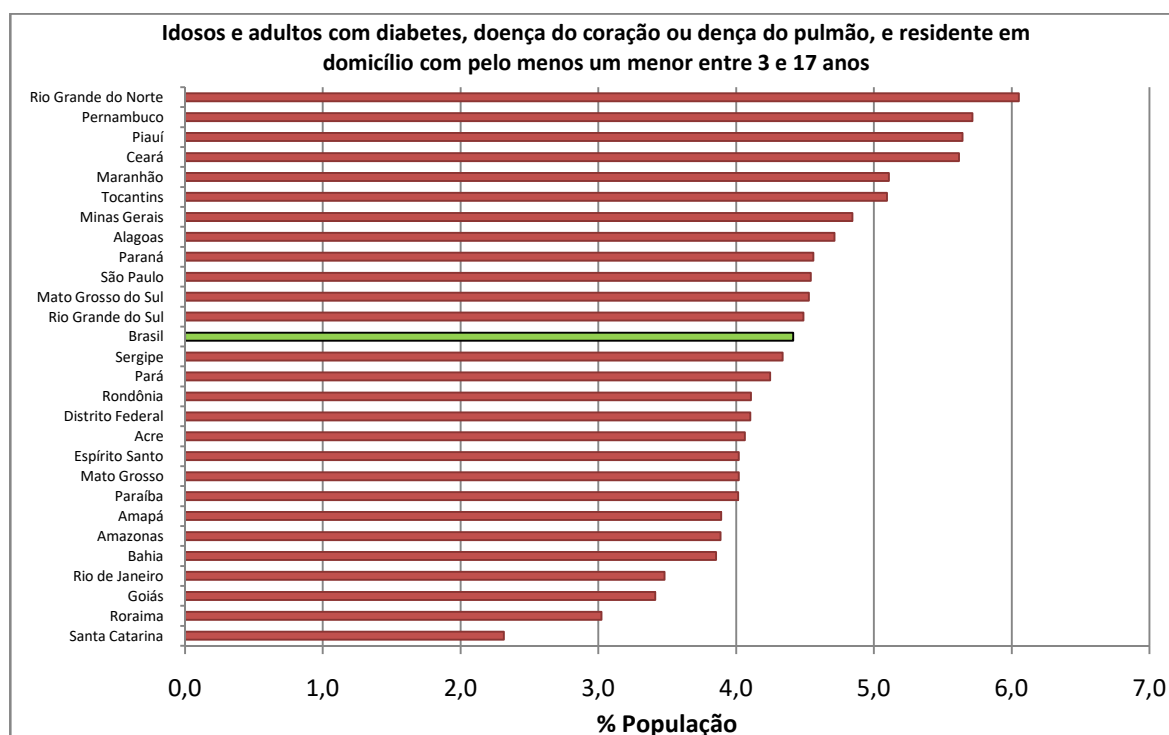
Tabela 1 – População de idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, e residente em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos, segundo estados brasileiros.

UF	Adulto (18 a 59 anos) com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, e residente em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos	Idoso (60 anos e mais) que reside em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos	Idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, e residente em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos
SP	1.036.282	1.049.667	2.085.949
MG	403.396	622.121	1.025.518
RJ	243.163	357.553	600.716
BA	202.839	370.486	573.326
PE	179.919	366.360	546.279
PR	305.611	215.719	521.330
CE	181.636	331.404	513.040
RS	227.113	283.625	510.738
PA	96.312	269.106	365.418
MA	89.492	271.975	361.467
GO	110.165	129.438	239.603
RN	74.378	137.895	212.273
PI	61.083	123.606	184.690
SC	81.733	84.071	165.804
ES	68.437	93.095	161.532
PB	72.325	88.951	161.277
AM	55.570	105.549	161.118
AL	54.911	102.377	157.288
MT	78.352	61.695	140.047
MS	64.783	61.024	125.808
DF	55.384	68.346	123.730
SE	43.680	56.014	99.694
TO	29.824	50.325	80.149

RO	31.336	41.679	73.014
AC	12.660	23.172	35.831
AP	11.886	21.022	32.908
RR	7.110	11.205	18.315

Fonte: PNS-IBGE/LIS/ICICT/FIOCRUZ

A figura 4 apresenta de forma proporcional idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão, e residente em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos. A média no Brasil é de 4,4% da população nessas condições, o estado do Rio grande do Norte apresenta a maior proporção de população adulta com fatores de risco e idosos que residem com crianças entre 3 e 17 anos com 6,1% da população, seguido do estado Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Alagoas, Minas Gerais, Tocantins, Maranhão, Ceará, Piauí, Pernambuco, com valores superiores a média nacional. Os estados de Santa Catarina, Roraima, Goiás, Rio de Janeiro, Bahia, Amazonas, Amapá, Paraíba, Mato Grosso, Espírito Santo, Acre, Distrito Federal, Rondônia, Pará, Sergipe apresentaram percentual de população idosa e adultos com fatores de risco que residem com crianças com idade entre 3 e 17 anos menor em relação a média nacional, com destaque para a Santa Catarina que apresenta 2,6% da população nessas condições.



Fonte: PNS-IBGE/LIS/ICICT/FIOCRUZ

Figura 4 – Percentual de população de idosos e adultos com diabetes, doença do coração ou doença do pulmão e residente em domicílio com pelo menos um menor entre 3 e 17 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário considerar o contexto demográfico atual para compreensão e interpretação destes dados. Estudos apontam que a mudança na dinâmica familiar tem ocorrido, sobretudo, no século XXI quando os pais acabam por se ausentar do domicílio para trabalhar, delegando os cuidados dos filhos durante essa ausência aos avôs e avós da criança. Eles são priorizados como cuidadores primários de seus netos para auxiliar o desenvolvimento da criança e dar suporte aos pais,

sobretudo em situações em que não é possível arcar com os custos de um profissional remunerado³.

Além da população adulta com fatores de risco e os idosos existe ainda um contingente enorme de pessoas que estão envolvidas na atividade escolar. Nesse sentido é de sumária importância que sejam elencados os cenários em que se espera que a medida de relaxamento do isolamento social para a volta as aulas seja adotado. Este é um passo crucial no processo epidêmico. Não é simples estimar o percentual dessa população de mais de 9 milhões de pessoas potencialmente em risco que podem evoluir para casos graves e eventualmente precisem de atendimento em unidade de terapia intensiva.

Além disso, a discussão sobre a retomada do ano letivo no país não segue um momento em que é clara a diminuição dos casos e óbitos, e ainda apresenta um agravante que é a desmobilização de recursos de saúde e o desmonte de hospitais de campanha, que apresentam subutilização em algumas regiões, mas que podem ser demandados de forma abrupta num cenário de espalhamento da doença em função da volta às aulas.

Vale ressaltar que a decisão de retomada das aulas, bem como o relaxamento do isolamento social dever ser tomado baseado no número de casos, óbitos e características da população dos municípios e seu entorno considerando a rede de influência das cidades (Regic, 2018). Notas técnicas: 1, 2 (Tendências atuais da pandemia de Covid-19: Interiorização e aceleração da transmissão em alguns estados) e 4 (Interiorização do Covid-19 e as redes de atendimento em saúde) disponíveis em: <https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/>.

Cabe destacar que a doença embora não tenha como principal alvo as crianças, não é descartada a hipótese de que ocorra aumento do número de casos nas crianças e, sobretudo em idades mais novas por conta da dificuldade de manter estas crianças em distanciamento e sem aglomerações em ambientes escolares.

³MARTIN, Ashley et al. Becoming parents again: Challenges affecting grandparent primary caregivers raising their grandchildren. *Paediatrics & Child Health*, 2020.

EDWARDS, Oliver W.; DAIRE, Andrew P. School-age children raised by their grandparents: problems and solutions. *Journal of Instructional Psychology*, v. 33, n. 2, 2006.

Por fim, ressalta-se que embora não tenhamos estimativas exatas sobre a população que permanece em isolamento social, dados de mobilidade do Google⁴ e disponíveis no sistema [MonitoraCovid-19](#) apontam que em 17/07/2020 se observa (em relação ao valor base que é a mediana do dia da semana correspondente, durante o período de cinco semanas entre 3 de janeiro e 6 de fevereiro de 2020) redução de 35% de pessoas em parques nacionais, praias públicas, marinas, parques para cães, praças e jardins públicos; redução de 32% em lugares como terminais de transporte público, por exemplo, estações de metrô, ônibus e trem; diminuição de 17% da mobilidade em locais de trabalho. É muito provável que as pessoas que se mantêm em isolamento social, são, em sua maioria, as que fazem parte dos grupos de risco (idosos e adultos com fatores de risco). Estas pessoas não foram expostas ao vírus, mas uma grande parcela delas terá que conviver com o vírus em suas residências por conta da volta às aulas.

Em um cenário otimista, se 10% dessa população de adultos com fatores de risco e idosos que vivem com crianças em idade escolar necessitarem de cuidados intensivos serão cerca de 900 mil pessoas necessitando de UTI, se tomarmos como referência a taxa de letalidade observada no país isso pode representar 35 mil óbitos somente nessa população.

Retomar as aulas sem considerar a complexidade dessa medida para além do provável impacto somente nos alunos é movimento arriscado, pois para estas pessoas que vivem com crianças em idade escolar não será mais possível adotar o “fique em casa”.

⁴https://www.gstatic.com/covid19/mobility/2020-07-17_BR_Mobility_Report_pt-BR.pdf